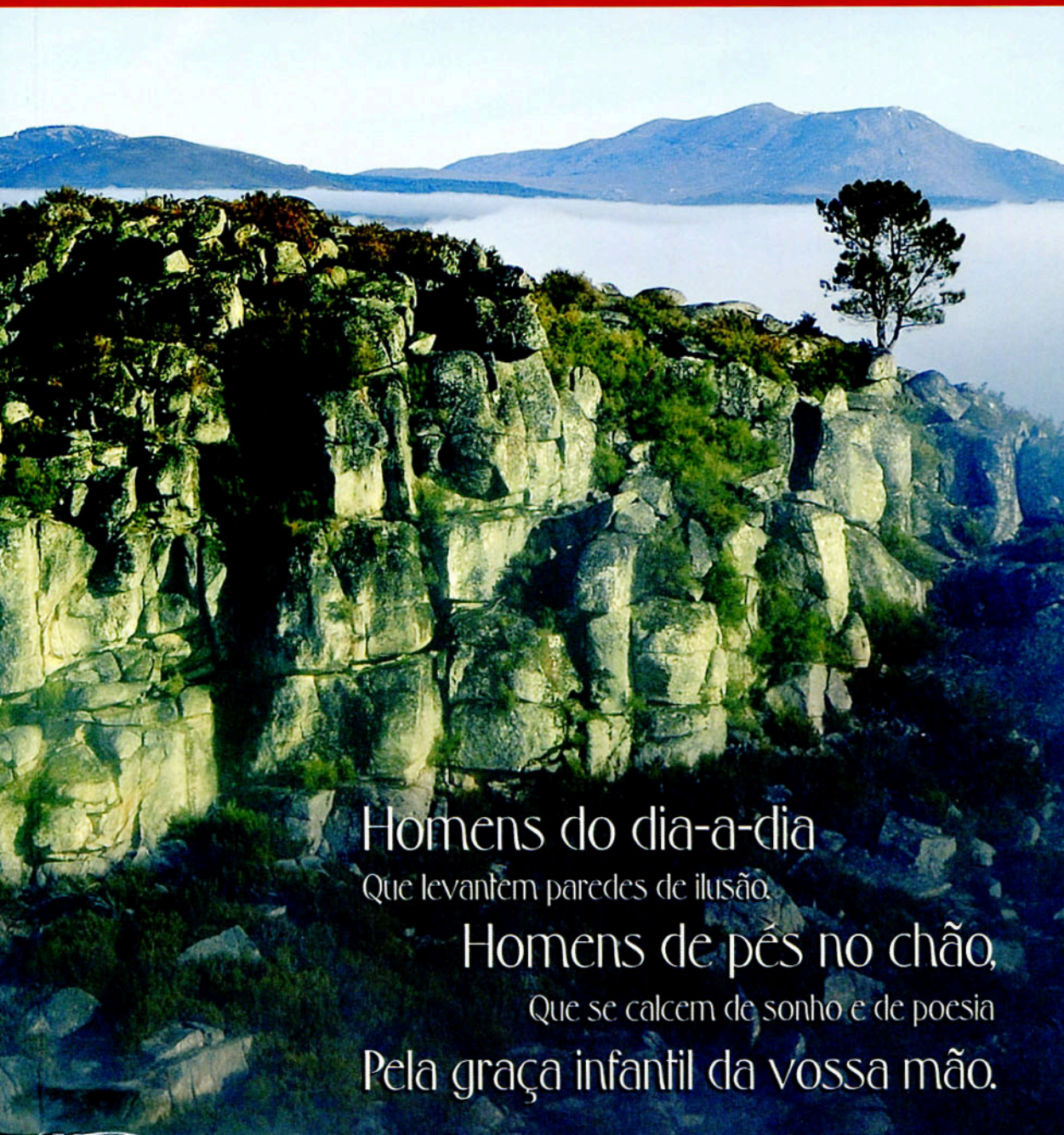


Trás-os-Montes e Alto Douro

Mosaico de Ciência e Cultura

Textos coordenados por Armando Palavras



Homens do dia-a-dia

Que levantem paredes de ilusão.

Homens de pés no chão,

Que se calcem de sonho e de poesia

Pela graça infantil da vossa mão.

Ficha técnica

Título: Trás-os-Montes e Alto Douro – Mosaico de Ciência e cultura

Propriedade : Comissão de Festas Nossa Senhora das Graças 2011

Director: António Neto

Coordenador: Armando Palavras

Orientador gráfico: Mário Teixeira

Capa : Mário Teixeira

Organização: António Neto e Armando Palavras

Design e execução: equipa técnica Exoterra

Digitalização: Adelaide Neto

Colaboração: Carlos Novais

Tiragem: 10.000

Deposito legal: 329 404/11

Impressão e acabamento: Exoterra Lda -geral@exoterra.pt

Reservado todos os direitos de acordo com a legislação em vigor

Autores	5
Adriano Moreira.....	7
Antônio Neto.....	9
Justificação	
Armando Palavras.....	11
P. M.....	13
País e o Mundo	
Adriano Moreira.....	15
José Alberto Loureiro dos Santos (General).....	17
Análise/Reflexão	
Hirondino Fernandes.....	19
Luís Dias de Carvalho.....	25
Telmo Verdelho.....	27
Personalidades Transmontanas	
Abílio Gomes (Coronel).....	33
Inocência Pereira.....	37
Viagens	
Antônio Modesto Navarro.....	43
Bento da Cruz.....	49
João de Sá.....	53
Por Esse Douro Acima	
Antônio Barreto.....	59
Ilda Pinto Ribeiro.....	61
Poemas	
Ernesto Rodrigues.....	63
Fernando Castro Branco.....	65
Ilda Pinto Ribeiro.....	69
Pedro Castelhana.....	73
Silvio Teixeira.....	79
Narrativas	
Antônio Borges Coelho.....	81
Antônio Passos Coelho.....	83
Bernardino Henriques.....	87
Fernando Castro Branco.....	91
Fernando Chiotte Tavares.....	93
J. Rentes de Carvalho.....	97
Jorge Tuela.....	99
Manuel Cardoso.....	101
Monografias	
Carlos Abreu.....	105
Mercado de Trabalho	
Maria Márcia de Almeida Trigo.....	115
Costumes e Tradições	
Alexandre Parafita.....	125
Antônio Pinelo Tiza.....	129
Por Terras do Riba Cõa	
Alexandra Cerveira Lima.....	135
Por Terras de Foz Cõa	
Antônio Martinho Baptista.....	141
Por Terras Barrosãs	
Antônio Lourenço Fontes.....	149
Barroso da Fonte.....	157
Por Terras de Miranda	
Amadeu Ferreira.....	163
Carlos Ferreira/Júlio Meirinhos.....	165
Francisco Niebro.....	185
Reminiscência	
Donzília Martins.....	191
Virgílio Gomes.....	199
Arte	
Eugénio Cavalheiro.....	201
Nadir Afonso.....	205
Música	
José Neves.....	207
Paulo Preto.....	211
Roberto Leal.....	215
Museologia	
Nelson Campos.....	219
Ciência	
Maria dos Anjos Pires.....	225
Paula Seixas Arnaldo.....	229

Gastronomia	
José António Silva.....	231
Jorge Lage.....	233
Crítica Social	
Manuel António Pires Brás.....	237
Silvio Teixeira.....	243
Lagoaça	
Foral.....	245
Tradução	
P. M.	247
A. M. Pires Cabral.....	249
Adília Figueira Verdelho.....	253
Aniceto Afonso (Coronel).....	259
António de Almeida Santos.....	265
António Pimenta de Castro.....	267
António Júlio Andrade e Fernanda Guimarães.....	271
Armando Palavras.....	283
Hirondino Isaías.....	291
Mandocas.....	293
Maria Margarida Moreno Areias de Almeida Santos.....	295
Otilia Pereira Lage.....	299
Pedro Figueira Verdelho.....	315
Teixeira Leite.....	317
Vítor Barros.....	319
Testemunhos	
Maria Aline Costa.....	323
Amadeu Martins.....	325
Carlos Novais.....	337
José Santos.....	341
Manuel Francisco Felgueiras Pinto.....	343
Rui Carvalho.....	345
De outras Terras	
Hélder Gomes.....	347
A Encerrar	
Adelaide Neto.....	349
Curriculos dos Autores	351
Curriculos dos Autarcas	379

Por Terras do Riba Côa

Entre o Côa e o Douro Internacional

Breve Introdução

Quando me foi solicitado este texto, solicitação à qual com todo o gosto respondi, estava há já alguns anos a trabalhar no Parque Arqueológico do Vale do Côa¹, e sobre o PAVC eu deveria escrever. Entretanto, agora que o redijo, o meu local de trabalho é outro, o Parque Natural do Douro Internacional. Embora a natureza de cada um destes parques seja bem diversa, são geograficamente muito próximos, e muitas semelhanças formais e substantivas os aproximam também. Entendi, por isso, que poderia e deveria tratar estas duas áreas classificadas neste texto, partindo, como um pretexto, de um mapa recentemente dado à estampa.

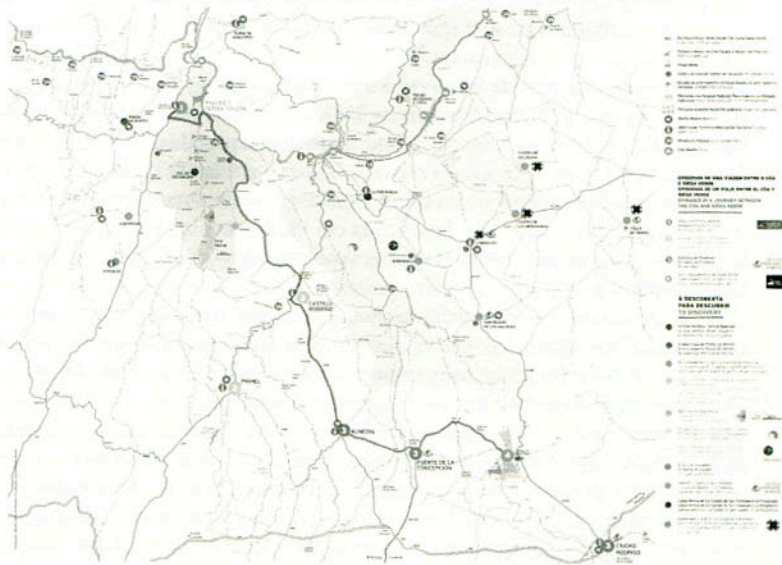


Imagem 1 – Mapa Côa & Siega Verde. A Arte da Luz.

Coordenação APDARC, Gestão editorial Setepés, ed. IGESPAR e Junta de Castela e Leão, 2010.

Um mapa inspirador

Este mapa de que falo, *Do Côa a Siega Verde, a arte da luz*, foi produzido por duas entidades privadas para duas entidades públicas, o IGESPAR, IP e a Junta de Castela e Leão, no âmbito de um projecto transfronteiriço que visava promover a articulação entre o Parque Arqueológico do Vale do Côa e Siega Verde, a estação de arte rupestre paleolítica classificada pela UNESCO, em 2010, como Património Mundial enquanto extensão do Côa. Trata de uma viagem — é, aliás, parte integrante de um roteiro de viagem — com quatro episódios, quatro pontos de paragem: o Parque Arqueológico e Museu do Côa, no início da jornada. Siega Verde no final do trajecto, o ponto de chegada.

¹Entre 2004 e 2010, na direcção do Parque Arqueológico do Vale do Côa; entre 1997 e 2000, como colaboradora do PAVC e, entre 2000 e 2003, no Centro Nacional de Arte Rupestre, também sediado em Vila Nova de Foz Côa.

Pelo meio, duas realidades são tratadas: o par de vilas medievais fortificadas, que se afrontavam, Castelo Rodrigo e Pinhel, episódio de viagem designado “quando o Côa era fronteira” e um outro episódio, “estrelas de fronteira”, um percurso que leva de Almeida, pelo Fuerte de la Concepción, até *Ciudad Rodrigo*. Em torno deste eixo central que se pretende destacar, há um convite à descoberta deste território ibérico.

Se ensaiarmos organizar em categorias as onze realidades que este roteiro nos convidava a descobrir em torno do percurso principal, temos uma forte presença medieval, que já o par Castelo Rodrigo e Pinhel evocava: os castelos e as vilas medievais fortificadas, nesta zona sempre marcada pela fronteira política, que se foi instalando, ao sabor da História, nos grandes cursos de água: o Douro, o Côa e o Águeda. Neste âmbito são tratadas as vilas de Marialva e a Comenda de Longroiva, as Vilas de Torre de Moncorvo e Freixo de Espada à Cinta, *Sobradillo* e *San Felices de los Gallegos*. Temos, por outro lado, um conjunto de sítios arqueológicos de cronologias anteriores, estudados e valorizados, por entidades públicas, ou privadas, como em Freixo de Numão, ou os castros que integram a *Ruta de los Castros y Verracos*. Figuram também duas importantes vias de comunicação, a ferroviária, hoje malogradamente inactiva do Pocinho para leste, e a fluvial, em crescente utilização turística: o Douro Navegável. Uma quarta categoria corresponde ao Douro Vinhateiro, simbolizado pela Quinta de Ervamoira, a primeira a instalar a produção de alta qualidade do Douro Superior no coração do Vale do Côa e, uma outra categoria de sítios, que ocupam o maior mancha deste mapa, as áreas naturais classificadas: os parques do Douro Internacional de las *Arribes del Duero*. Juntos, formam um contínuo ibérico com quase 200 000 hectares, em ambas as margens do Douro, um dos maiores espaços protegidos da Europa. Apenas a sua metade meridional figurou neste mapa, correspondendo, no caso português, aos concelhos de Figueira de Castelo Rodrigo e Freixo de Espada à Cinta. E a Reserva da Faia Brava, no interior do Parque Arqueológico do Vale do Côa e da ZPE (Zona de Protecção Especial) do Vale do Côa, a primeira Área Protegida Privada a ser classificada em Portugal.

Da leitura deste mapa, ressaltam alguns aspectos que gostaríamos de sublinhar, e que o convertem num mapa inspirador.

- Desde logo o seu carácter ibérico, que aponta para uma cooperação estreita, ou mesmo, no caso do Côa e Siega Verde, para uma gestão conjunta. A classificação como Património Mundial como um sítio único pressupõe que houve uma estreita cooperação anterior, e aponta para uma gestão conjunta dos dois sítios arqueológicos, um único património mundial.

- A presença de várias áreas classificadas com um importante estatuto de protecção: o único parque arqueológico no país², património mundial, juntamente com a sua extensão do lado de lá da fronteira, dois parques naturais e uma área protegida privada. Esta realidade resulta, naturalmente, do reconhecimento público da importância do património natural e cultural do território, que aconselha a sua salvaguarda, conservação e valorização. Área de baixa densidade populacional, o património histórico-arqueológico perdurou, galgando milénios, quer pela importância de antigas ocupações, como é o caso de ocupações datáveis da Pré-história Antiga ou da Baixa Idade Média, quer pela inexistência de uma pressão urbanística contemporânea que noutras áreas foi voraz. Aqui, as vilas medievais cresceram e foram abandonadas (caso de Alva³) ou deslocados os seus centros para o exterior do perímetro amuralhado (caso de Castelo Rodrigo, Castelo Melhor ou Marialva), sem que as suas marcas tivessem sido progressivamente destruídas, como ocorreu em tantos núcleos urbanos do litoral português. A baixa densidade, ditada pelo carácter periférico relativamente aos centros, mas também por características intrínsecas do próprio território, geomorfologia, clima e tipo de solos, converteu-a também numa interessante área do ponto de vista da biodiversidade, de tal forma que se torna apetecível para a expansão de um projecto como o *Rewilding Europe* que, a partir da Holanda, pretende trazer a biodiversidade de volta às terras em abandono da Europa, beneficiando da regressão da área agricultada e recompondo o carácter selvagem em pontos da Eurora onde, desde o ano 1000, denodadamente se procurou arrotear e fazer a natureza recuar.

- Por outro lado, esta classificação assenta no reconhecimento que decorre de uma investigação e

²Embora, e lamentavelmente, não tenha ainda sido promulgado o Decreto Regulamentar de criação do Parque, tal como a legislação de enquadramento dita, e que conduzirá, uma vez criado, à elaboração de um Plano de Ordenamento.

³Caso que, registe-se, foi exemplo de uma lamentável e recente decisão: a construção de uma capela exactamente sobre o local da antiga vila medieval abandonada, decisão que esperamos que um dia possa ser reconsiderada.

produção de conhecimento prévios, trabalho de profissionais de várias áreas do saber, locais e vindos de outras regiões, e que aqui foram desenvolvendo a sua actividade: biólogos e arqueólogos, que deram corpo à associações (ACDR de Freixo de Numão, Associação Transumância e Natureza,...), ou integrados em organismos públicos, caso do Centro Nacional de Arte Rupestre (1997-2007) e Parque Arqueológico do Vale do Côa⁴, criado em 1996, juntamente com pessoas ligadas às artes e cultura e a enólogos, que crescentemente aqui trabalham.

- Não ressalta de imediato do mapa, mas quem aqui tem trabalhado sabe que a baixa densidade tende a ditar práticas de cooperação e entreajuda. A distância relativamente aos centros de decisão, a escassez de meios e de recursos, assim o dita. E algum dinamismo que foi possível imprimir nestas áreas de actuação resulta, inegavelmente, desta cooperação entre entidades da administração central e local e entidades privadas, sejam associações, sejam empresas. Neste ponto, diria que o papel agregador do Parque Arqueológico e Museu do Côa deve ser destacado. A prática, já de há alguns anos, do Parque Arqueológico, tem sido a da procura da cooperação, assente no princípio de que um serviço público está ao serviço dos cidadãos, é dos cidadãos e ganha se contar com a sua intervenção. Dessa forma se procuraram pontes com associações ligadas à cultura e à natureza, com municípios, com empresas privadas de animação turística, com entidades ligadas à agricultura e ao desenvolvimento regional, com as escolas, muito particularmente com o agrupamento de escolas de Vila Nova de Foz Côa.

Mas, numa área protegida, o grande desafio é chegar às comunidades residentes. A ACÔA, Associação dos Amigos do Parque e Museu do Côa, tem procurado trabalhar mais estreitamente com a comunidade e, através de um projecto apoiado pela Fundação Calouste Gulbenkian, o Arquivo de Memória do Vale do Côa, tem chegado aos mais idosos e aos mais jovens, contribuindo para uma aproximação à arte do Côa e ao património arqueológico. É a partir deste projecto que se alicerçará a criação de um Clube Unesco na região, articulando-se assim essa outra dimensão da Unesco, a humanitária, nesta região distinguida pela classificação como património mundial.

- Foi o esforço de cooperação, mas sobretudo a qualidade que desde o início marcou as intervenções do Parque Arqueológico, que fizeram dele um marcantíssimo centro deste território. Qualidade da investigação, que permitiu a classificação célere da arte paleolítica como património mundial, qualidade dos levantamentos e desenhos da arte rupestre, das fotografias, qualidade das intervenções arquitectónicas⁵, no acompanhamento das visitas, qualidade visível hoje no Museu do Côa, quer pelo projecto arquitectónico⁶ e sua relação com a paisagem, quer pela solidez do seu conteúdo. Ressalta hoje, aos milhares de visitantes que o procuram, a mestria da *grande arte* do Côa, que está na base do projecto, e a profundidade da investigação que sobre ela e sobre os seus autores, os caçadores-recolectores do Paleolítico Superior, recaiu.

A criação de um território...

Como se cria um mapa de novas territorialidades, que são mais abstractas do que geograficamente concretas? Que são redes de relações, redes geradoras de referências às quais os indivíduos escolhem pertencer. Seguindo as palavras de Alain Bourdin, numa conferência recente⁷, o território, hoje, torna-se gerador de referência através, por exemplo, do património. E é possível cada um de nós comparar a qualidade das referências que são geradas, é possível querermos-nos reconhecer como membros de um dado território. Alain Bourdin sublinhava que o território se julga e avalia pela sua capacidade de gerar acção e referência. *Os limites fortes, a organização em torno de um centro e de uma periferia, converteram-se em casos raros. Em vez disso, o território apresenta-se como uma realidade multiforme, incerta, em constante movimento e reinvenção*⁸. A criação do território que evoco neste texto, em torno de um património natural, arqueológico e artístico de valor excepcional, depende da acção

⁴Ver a este propósito a extensa bibliografia científica produzida sobre o Parque Arqueológico do Vale do Côa no site recentemente acessível: <http://www.arte-coa.pt/>

⁵Diria que só mesmo as condições muito desadequadas de acolhimento à guardaria no núcleo de arte rupestre da Canada do Inferno destoam fortemente, ainda hoje.

⁶Autoria de Petro Tiago Pimentel e Camilo Rebelo.

⁷Ciclo de conferências por ocasião do Centenário da Universidade do Porto, conferência de Alain Bourdin, 24 de Março de 2011, painel *Territórios*.

⁸Alain Bourdin, resumo da conferência citada, in colectânea de resumos "Preparar o Futuro – Conferência do Centenário da Universidade do Porto", 24 e 25 de Março de 2011.

gerada, depende também, em boa medida, da comunicação que se saiba fazer deste território. Um aglomerado, uma conjugação de actividades e actores distintos, mas com raízes similares: arqueólogos, biólogos, enólogos (que procuram novas formas de fazer vinha de modo cada vez mais compatível com a biodiversidade), produtores culturais, cruzam-se neste território, ou, melhor dizendo talvez, nesta construção de um território.

O Museu do Côa que, pela sua dimensão e qualidade, assinala também a distinção que o Estado português entendeu fazer a este património cultural e à região, é hoje a mais sólida marca no Douro Superior e Vale do Côa, e as populações do concelho de Vila Nova de Foz Côa dir-se-ia que o adoptaram como seu cartão de visita, da mesma forma que as entidades regionais o fizeram. Importa que as populações dos concelhos limítrofes o venham a considerar como seu também... Para este desiderato pode ser relevante, entre outras acções, o alargamento do Projecto “Arquivo de Memória” e do Clube Unesco a outros municípios do Vale do Côa, por ser um acção direccionada para o envolvimento das comunidades.

A articulação que se deve estabelecer, em termos de políticas de conservação, de divulgação, visita, promoção e fruição, entre o Parque Arqueológico do Vale do Côa e Siega Verde, os Parques Naturais do Douro e dos Arribes del Duero, assenta não só no seu estatuto de áreas com um elevado grau de protecção, como no seu estatuto de entidades públicas partilhando realidades comuns: o Parque Arqueológico do Vale do Côa partilha boa parte dos seus 20 mil hectares com a ZPE do Vale do Côa, isto é, a existência das aves rupícolas conduziu à classificação desta área como Zona de Protecção Especial⁹, integrando assim a Rede Natura 2000, a rede comunitária de áreas protegidas¹⁰. Por outro lado, o Parque Natural do Douro Internacional é particularmente relevante do ponto de vista do património arqueológico, integrando também arte rupestre paleolítica e sítios arqueológicos coevos¹¹. Aliás, a questão do alargamento futuro do estatuto de património mundial ao conjunto da arte rupestre de ar livre ibérica, designadamente a arte dos rios Sabor, Douro e Águeda, tem vindo a ser defendida em diversos contextos, mesmo na presente publicação¹².

Caminharemos para um mapa mais perfeito se esta classificação vier, no futuro, a ficar aí plasmada. Caminharemos para um mapa mais perfeito se incluirmos a globalidade dos parques naturais que enquadram o curso internacional do Douro, pela importância que têm em termos de avifauna¹³, mas também em termos de qualidade da paisagem cultural, de um equilíbrio invulgar. Caminharemos também para um mapa mais perfeito se olharmos para o sul deste território no sentido da nascente do Côa, procurando articular o Douro Superior com o Côa, ganhando toda esta corda fronteira que, da Malcata, passando o Reboredo¹⁴, se estende até ao planalto Mirandês. E caminhando para leste, para o interior da Meseta Ibérica. No fim de contas, seguindo, hoje, o território da Pré-História Antiga, o centro da arte rupestre de ar livre e das comunidades humanas que, há 25 mil anos, trouxeram a *grande arte* das cavernas para o céu aberto. Inventaram a *arte da luz*.

O mapa sobretudo se aperfeiçoará, se o entendermos como um mapa de um território de baixa densidade, que ganha espessura nesta acção conjugada que liga conhecimento, ciência e criatividade: arqueologia, biologia, enologia, arte... Um território deteve uma *acção integrada* que deixou frutos (a AIBT do Vale do Côa), de que destacamos dois: o Museu do Côa e a ideia de um território a construir... O Proverbe¹⁵ do Côa bem poderia dar-lhe continuidade...

⁹Directiva Aves- n°79/409/CEE, Directiva Habitats n° 92/43/CEE, Decreto-Lei n° 384-B/99 de 23 de Setembro.

¹⁰Prevendo a protecção, a gestão e o controlo das espécies de aves de estatuto ameaçado, garantindo-lhes a sobrevivência e possibilidade de reprodução.

¹¹Identificados, nos concelhos de Figueira de Castelo Rodrigo e Freixo de Espada à Cinta, diversos sítios datáveis da Pré-História Antiga pelos arqueólogos Jorge Sampaio e Thierry Aubry, do Parque Arqueológico do Vale do Côa.

¹² Texto de António Martinho Baptista sobre o Parque Arqueológico e Museu do Côa.

¹³A avifauna é o grupo de maior representatividade, pela elevada diversidade e pela ocorrência de várias espécies ameaçadas, que guardam aqui uma importante parcela das suas populações nidificantes a nível nacional e ibérico. As aves rupícolas são as mais emblemáticas, concentrando-se aqui uma grande percentagem dos efectivos nacionais de algumas das espécies mais ameaçadas, tais como a Cegonha-preta (*Ciconia nigra*), Abutre do Egipto (*Neophron percnopterus*), Grifo (*Gyps fulvus*), Águia-real (*Aquila chrysaetos*), Águia de Bonelli (*Hieraetus fasciatus*), Falcão-peregrino (*Falco peregrinus*), Bufo-real (*Bubo bubo*), etc. in <http://portal.icnb.pt/ICNPortal/vPT2007-AP-DouroInternacional>

¹⁴Ver, a este propósito, *Terras do Côa. Da Malcata ao Reboredo*. Os Valores do Côa. Guarda, 1998.

¹⁵ Programa de Valorização Económica de Recursos Endógenos.

Este território tem, para que o Porto o sinta como referência, o eixo que o rio Douro constitui, e que se faz percorrer de barco¹⁵, ou, junto à margem, pela linha ferroviária do Douro, que já não atinge Salamanca e se fica pelo Pocinho, na antecâmara do Museu do Côa... Um território conservado, classificado, onde a baixa densidade, ou a escassez de gente, moldou uma paisagem ampla, aberta e livre: o território da arte da luz.

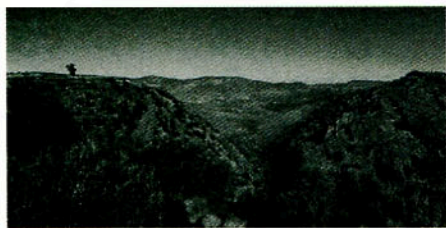


Fig. 2

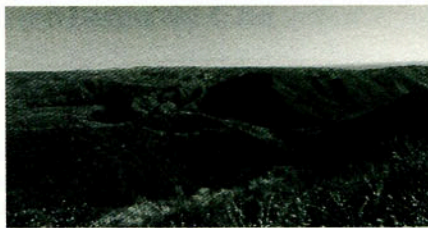


Fig. 3

Fig. 2- Miradouro da Sapinha, Figueira de Castelo Rodrigo, Parque Natural do Douro Internacional. Fotografia João Romba.

Fig. 3- Calábria, em primeiro plano. Para a esquerda, a foz da Ribeira de Aguiar e, em fundo, a Marofa.

À direita, na foto, estende-se o Parque Arquelógico do Vale do Côa, à esquerda, o Parque Natural do Douro Internacional. Fotografia Mário Reis.

¹⁵ E devemos destacar o esforço que o Instituto Portuário e dos Transportes Marítimos (IPTM) procura fazer para articular o Douro com o Côa, e para dinamizar o Douro Superior.